



O BORDADO E A JOGAÇÃO DE VERSINHOS DE BEM-QUERER DA TRABALHADORA RURAL: PRÁTICAS DE RE-PARTILHA DO SENSÍVEL

Solange Mittmann¹

Valéria de Cássia Silveira Schwuchow²

Marilane Mendes Cascaes da Rosa³

Trazemos para esta edição do SEAD a produção e a re-partilha do sensível como objeto de reflexão. Partindo das condições sócio-históricas de reprodução/transformação das relações de produção (PÉCHEUX, [1975] 2014) e observando o sujeito como suporte e efeito do discurso, analisamos os processos de produção de bordados e de versinhos de bem-querer por mulheres camponesas do Vale do Jequitinhonha, e sua venda via internet, num projeto de produção de renda para suas famílias.

O Projeto Versinhos de Bem-Querer foi criado pela Associação Jenipapense de Assistência à Infância - AJENAI, em março de 2020, para ajudar a mitigar os efeitos econômicos da pandemia do COVID-19 junto a oito comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. O comprador do estandarte ou do versinho realiza a compra pelo site do projeto: www.versinhos.com.br. O site traz fotos dos estandartes, com os preços, e também fotos das mulheres durante o processo de tingimento do tecido e no ato de bordar. Quanto aos versos, o comprador deve informar seu número de WhatsApp, nome de quem encomenda o verso e nome da pessoa que vai recebê-lo, além de uma breve descrição dessa pessoa. Essas informações são aproveitadas na produção do verso, articuladas a versos tradicionais da jogação.

Assim, as mulheres da zona rural do Jequitinhonha, que foram afetadas econômica e sensivelmente pela pandemia, produzem, para venda pela Associação, os estandartes bordados e os versinhos cantados. Sua matéria prima são cenas do viver cotidiano na região, o trabalho na roça, as relações amorosas, a vida em comunidade e, principalmente, a memória que se repete e se transforma através dos versos. Pela venda na internet, o bordado e o verso são transformados em fonte alternativa de renda para o sustento das famílias. Assim, a matéria-prima se transforma, toma a forma de mercadoria.

Quando os estandartes bordados e os versos cantados tomam a forma de mercadoria, transformam-se em uma “coisa sensível-suprassensível” (para usar a expressão de Marx, [1867] 2011). Seu valor não se dá apenas por sua materialidade física ou suas condições de produção mais imediatas (tempo despendido, conhecimento, trabalho, matéria-prima), mas sim – e principalmente – pelas relações sociais estabelecidas. É o que analisaremos a seguir.

¹ Doutora em Letras. Professora Titular da UFRGS e Docente Permanente do PPG-Letras da UFRGS. Lidera o Grupo de Pesquisa Discurso, Arquivo e Autoria.

² Mestra em Estudos Linguísticos pela UFSM e doutoranda no PPG-Letras da UFRGS. Docente da Prefeitura Municipal de Gravataí.

³ Mestra em Ciências da Linguagem pela UNISUL e doutoranda no PPG-Letras da UFRGS. Docente da UNISUL.

MULHERES DO JEQUITINHONHA

Maria da Aparecida, Marli, Valdívia, Aparecida e Silvana são algumas das mulheres jogadoras de versinhos de bem-querer e bordadeiras. Mulheres que, na luta pela sobrevivência, valem-se do afeto para uma partilha que envolve as pessoas de sua comunidade e, agora, as pessoas desconhecidas que estão do outro lado na internet, numa relação intermediada pela AJENAI.

No trabalho na terra, com elementos da natureza, elas produzem alimentos para a manutenção da existência física, e produzem, dessa relação laboral com a natureza, uma sobreexistência pelos modos como operam o sensível nos versos e nos bordados. Assim, nos versos e nos bordados, sob a determinação de uma infra-estrutura econômica e mobilizadas pela linguagem que significa as condições sócio históricas, as mulheres investem sobre o fazer laboral, a cultura das comunidades e sua sobreexistência.

Trata-se de um investimento que envolve novas relações sociais, possibilitadas pela articulação da AJENAI com sujeitos sociais – que são desconhecidos das mulheres, mas identificados de alguma forma com sua arte.

OS ESTANDARTES DAS BORDADEIRAS DO CURTUME

Com o algodão e as tinturas que a natureza local oferece (casca da aroeira, angico, cebola...), as mulheres produzem o tecido e as linhas de bordado. Cenas do cotidiano da comunidade são bordadas: as plantas, os animais domésticos, o trabalho na roça, a fé cristã, os músicos, a vida comunitária. Assim são costuradas, uma à outra, a materialidade física e a materialidade discursiva.

As mulheres bordam o cotidiano e bordam a sobrevivência das famílias. Ao mesmo tempo, pelo tecido de algodão, pelas imagens e cores, os pontos valorizam a cultura local. Assim, as mulheres possibilitam acionar novos sentidos ao gesto de bordar, em uma nova re-partilha. Os fios que constituem os bordados se unem em discurso, transpassam o tecido e transitam através da venda pela internet, chegando a mãos desconhecidas, de fora da comunidade.

O bordado dos estandartes faz furo não só no tecido, mas na memória, visto que o bordado ganha uma nova dimensão: do trabalho individual, ao coletivo, do espaço privado ao público, da comunidade à internet.

OS VERSINHOS DE BEM-QUERER

No site encontramos a explicação sobre “jogar verso”:

Jogar verso, como se diz no Vale do Jequitinhonha, é uma tradição da gente linda que vive nessa região tão isolada de Minas Gerais.

Em festas, nas celebrações de colheita, nos encontros das comunidades, nas festas de nascimento, as pessoas se juntam para cantar rodas de verso.

Todos, presentes na roda, cantam juntos um refrão, que é entremeado de versos.

Os versos são "jogados" individualmente, e podem ser cantados de improviso ou fazer parte de um repertório tradicional, podem ser de “bem querer” ou de desafio.

Em seguida à explicação, a Associação convoca o internauta como consumidor e apoiador:

Ao comprar um versinho, você entra na brincadeira e contribui para espalhar a alegria e a beleza da cultura do Vale. E ainda colabora financeiramente com os projetos sócio-culturais da AJENAI no Vale do Jequitinhonha.

Com as perdas econômicas acarretadas pela pandemia e pela seca, a Associação propõe às mulheres o comércio da arte comunitária rural com o uso das novas tecnologias. Assim, com o projeto, na jogação de versos na rede da internet, as Zabelês, ou mulheres passarinhas, cantam a tradição e sustentam as famílias. E os encontros comemorativos na comunidade são agora encontros afetivos de alcance para além da comunidade.

A prática discursiva empenhada com os bordados e os versinhos repartem o bem-querer dessas mulheres ao comprador do bordado ou àquele a quem o comprador irá destinar os versinhos. E os versinhos cantados são entregues a outrem, como um presente, carregando consigo a partilha da sensibilidade e do bem-querer do cotidiano rural das mulheres do Jequitinhonha.

DESLOCAMENTO NOS MODOS DE PRODUÇÃO NO ESPAÇO DIGITAL

Para lançarmos um olhar para a relação da prática de trabalho no campo, sustentando uma prática artística do bordar e do jogar versos, e a prática de trabalho no digital, partimos do entendimento de que os modos de produção constituem um duplo processo de transformação, dos sujeitos e da matéria.

Desse modo, a partir das condições de produção específicas dos meios rural e digital, determinadas pelo estado da luta de classes (PÊCHEUX, [1975] 2014), as mulheres do Vale significam suas práticas em um jogo de interlocução com um outro sujeito do digital, que lhe é desconhecido e cujas condições de existência lhe são estranhas.

Para Rancière (2005, p. 67), “a produção se afirma como princípio de uma nova partilha do sensível, na medida em que une num mesmo conceito os termos tradicionalmente opostos da atividade fabricante e da visibilidade”, assim, desponta “uma nova relação entre o fazer e o ver”.

Compreendemos que, com as transformações da sociedade, modificam-se, também, os modos como as subjetividades operam, dado o caráter histórico e social da ideologia. Nesse ponto, destacamos que nem os sujeitos e nem as práticas são dadas, mas derivam das condições de produção sócio-históricas.

Na produção e na jogação de novos versos pelas mulheres camponesas, nessas novas condições de produção, pode-se dizer, com Pêcheux ([1975] 2014, p.140), que o teatro da consciência “é observado dos bastidores, lá de onde se pode captar que se fala do sujeito, que se fala ao sujeito, antes de que o sujeito possa dizer: ‘Eu falo’.”, ou antes que as mulheres possam dizer antigos e novos versos.

RE-PARTILHA DO SENSÍVEL E MAIS VALIA

O projeto contribui para a geração de renda às comunidades e propicia visibilidade ao trabalho das mulheres, além de estabelecer um laço entre elas e os compradores que participam da causa, e também os presenteados. No entanto, a lógica capitalista permanece.

No site, encontramos a informação de que “O valor arrecadado pela venda dos versinhos será usado para a manutenção dos projetos da AJENAI, além de remunerar as jogadoras de verso pelo trabalho realizado.” Não se trata de venda direta das produtoras aos consumidores, as mulheres não recebem o valor pago pelos consumidores. Os consumidores pagam à Associação, que repassa uma parte às produtoras, na forma de remuneração, pela exploração da força de trabalho. Paga-se às produtoras menos do que se recebe dos consumidores pelo produto. É a mais valia funcionando.

Observamos que as práticas do bordado e da jogação de versinhos não são exteriores às práticas do trabalho, mas se estendem umas nas outras constituindo sujeitos e mobilizando saberes para além do espaço rural, na medida em que enleiam sujeitos e saberes na rede tecnológica da internet e geram renda.

É assim que, pelas condições ideológicas de reprodução/transformação dos modos de produção do trabalho e da arte, compreendemos, na prática discursiva do sujeito, uma re-partilha do sensível pelas trabalhadoras rurais no meio digital.

Teríamos então um possível deslocamento nos modos de produção, uma vez que o valor recebido está também nas relações sociais operadas com a produção dos bordados e versinhos, ou seja, o deslocamento está na re-partilha de uma materialidade sensível e não somente de uma materialidade física, nos termos de Marx.

COMPARTILHANDO O BEM-QUERER... E A RESISTÊNCIA

A fim de entrar na roda e realizar nossa contribuição, efetuamos a compra de um verso, que dedicamos às e aos analistas do discurso presentes no SEAD. Recebemos, então, um versinho cantado, que transcrevemos aqui:

Pisa na canoa, canoeiro. Não deixa a canoa revirar.
Essa canoa só feita para o meu bem passear.
Essa canoa só feita para o meu bem passear.
Rio abaixo, rio acima, vai a noite, vem o dia.
Vou cantar para vocês com amor e alegria.
Riachinho vem da serra. Vai pro mar, segue o seu curso.
O meu canto é pro grupo de Análise do Discurso.
Professoras e professores, vou dizer nesse segundo,
Que despertam o olhar para ler e ver o mundo.
Consciência e alegria é o que a gente mais precisa.
Vou cantando pra esse grupo que orienta e faz pesquisa.
Sabiá, zabelê, tico-tico e canarinho
Foi a Sol que lhes mandou esse verso com carinho.
Pisa na canoa, canoeiro. Não deixa a canoa revirar.
Essa canoa só feita para o meu bem passear.
Essa canoa só feita para o meu bem passear.

O versinho traz o enlace de sujeitos e também as contradições sociais e ideológicas: a mulher, camponesa, zebelê da comunidade rural com seus saberes e suas tradições, se lança – com a intermediação da AJENAI e da tecnologia de informação – numa relação de afeto e tensão com o professorado, o grupo de pesquisa.

Observamos, nessa prática discursiva, a intervenção corporal, social e política, como uma maneira de tornar visível, pela re-partilha do sensível, as mulheres camponesas e seu trabalho cotidiano gerando, por meio dessa visibilidade, uma renda. Nessa direção, “uma prática artística não é a exterioridade do

trabalho, mas sua forma de visibilidade deslocada” (RANCIÈRE, 2005, p. 65), uma vez que, por meio da arte, com os bordados e os versinhos, os sujeitos e o trabalho são levados a um lugar que apreende a contradição entre as classes, não só pelo compartilhamento da arte de bem querer, como também pelos rendimentos com o trabalho artesanal.

Desse modo, a contradição opera no interior da luta ideológica das classes dominadas ao ser afetada pelo discurso do capital da classe dominante, se “a ideologia dominante jamais domina sem contradição” (PÊCHEUX, [1978] 2013, p. 14), as ideologias dominadas jamais resistem sem contradição.

Na compra dos versinhos, deparamo-nos com uma “luta ideológica de classes como um processo de reprodução/transformação das relações de produção existentes, de maneira a inscrever nessa noção a própria marca da contradição de classes que a constitui” (PÊCHEUX, [1975] 2014, p. 274).

Nesse processo de reprodução/transformação das relações de produção entre as classes, observamos a resistência fazendo furo pela possibilidade de equívoco na língua e na cultura, isto posto quando, no site, deparamo-nos com a seguinte advertência:

O projeto Versinhos de Bem-Querer não têm como intuito atender pedidos específicos, mas sim compartilhar a cultura viva dessa região, com todas as suas peculiaridades. Pedimos que, ao fazer a sua encomenda, você esteja aberto a receber esses versinhos da forma como eles são e que, na imensa maioria das vezes, têm encantado as pessoas.

Caso algum aspecto não agrade, infelizmente não será possível alterar. Nossa missão é valorizar a cultura local, e não interferir na forma como as mulheres falam, compõem ou cantam.

AS CONTRADIÇÕES NO DESLOCAMENTO DO ESPAÇO

Observamos os efeitos do deslocamento do trabalho do espaço privado e comunitário do meio rural para o espaço público do digital, pela “re-partilha do sensível” (RANCIÈRE, 2005, p. 65), e a inscrição da resistência quando a cultura e a linguagem dessas mulheres ressoam na rede mundial da internet.

A contradição no interior da classe dominada, que resiste pela cultura e pela língua, é igualmente apreendida nos modos de produção pelos limites impostos com a pandemia que prescreve o isolamento social intensificando com isso a crise econômica. Assim, a re-partilha do sensível se constitui não somente em um movimento político de resistência importante, mas como um modo pelo qual a contradição opera nos modos de produção estruturando um todo complexo dominante das formações discursivas acerca das relações comerciais de geração de renda para essas mulheres e para a comunidade rural, atingidas, dentre outros fatores, pelo fechamento do comércio local e pela diminuição do turismo.

Desse modo, para garantir o sustento das famílias essas mulheres passam a lidar com um outro modo de produção, o qual requer a visibilidade de suas artes, seus cotidianos, seus corpos e suas vozes no espaço digital – cabe ressaltar que o projeto originou divulgações em telejornais da grande mídia. A contradição, portanto, é abrigada no interior da classe dominada quando os modos de produção capitalistas dominantes impõem o deslocamento para as novas relações de circulação propiciadas pelas novas tecnologias.

REFERÊNCIAS

MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. Livro I - O processo de produção do capital. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011. [Tradução de Das Kapital,1867].

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* Campinas: Unicamp, 4. ed. 2014. [Tradução de Les vérités de La Palice,1975].

PÊCHEUX, M. Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. Tradução de Guilherme Adorno e Gracinda Ferreira. **Décalages**, v. 1, n. 4, 2013. [Tradução de Oser penser, oser se révolter,1978].

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO Experimental org./Ed. 34, 2005. [Tradução de Le partage du sensible; Esthétique et politique, 2000].